

ONDE ESTÁ A IGREJA?



“Eis que clamo: Violência! mas não sou ouvido; grito: Socorro! mas não há justiça.” (Jó 19:7)

Uma realidade que a igreja evangélica na atualidade pode constatar é que, apesar do crescimento dos evangélicos, o quadro de violência que assola o país, pouco muda nas grandes cidades brasileiras.

O mais curioso é constatar que São Paulo, assim como várias capitais do país, tem um contingente expressivo de evangélicos e de

igrejas das mais diversas denominações. Se os cristãos são agentes de paz por definição e missão (cf. Romanos 14:17,19; Efésios 6:15; 2 Tessalonicenses 3:16; 1 Pedro 3:11), por que a violência no país continua tão elevada no Brasil e, em especial, em uma cidade considerada tão hospitaleira como São Paulo?

E o problema não está apenas em São Paulo pois estudos apontam para uma realidade igualmente (ou ainda mais) cruel em outros estados brasileiros. Pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)¹ do Governo Federal em 2006 apontou que em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, a chance de ocorrer um assassinato é de 47 a 48 pessoas em cada 100 mil habitantes por ano. Já em Recife, esse risco aumenta para 66,38 pessoas por 100 mil habitantes.

O Estado inteiro, aliás, não está em boa situação: em Pernambuco, uma média de onze pessoas são assassinadas todos os dias. Em Jaboatão dos Guararapes, vizinha à capital, a taxa de risco é ainda mais elevada: 88,35 mortes em cada grupo de 100 mil habitantes por ano. E em Olinda o índice já bate a incrível marca de 95,29 por cada 100 mil habitantes. A vítima preferencial apresentada pelas estatísticas é o jovem de 15 a 24 anos.

Diantes dos dados alarmantes, citados acima, uma pergunta se torna inevitável: Por que a igreja que pelo menos em tese, é constituída por um dos povos mais calorosos do planeta, permanece passiva diante de todos os casos de desrespeito à vida que ocorrem no Brasil? Afinal, onde está a igreja?

¹ A **Fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)** é uma fundação pública federal vinculada ao Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República do Brasil. Suas atividades de pesquisa fornecem suporte técnico e institucional às ações do governo para a formulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento. Os trabalhos do Ipea são disponibilizados para a sociedade por meio de publicações, seminários e um programa semanal de rádio e TV.

O Ipea tem por finalidade realizar pesquisas e estudos sociais e econômicos. Ele dá apoio técnico e institucional ao governo na avaliação, formulação e acompanhamento de políticas públicas e programas de desenvolvimento.

Em sua primeira carta ao jovem Timóteo o apóstolo Paulo escreveu: “*Exorto, pois, antes de tudo que se façam súplicas, orações, intercessões, e ações de graças por todos os homens, pelos reis, e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranqüila e sossegada, em toda a piedade e honestidade.*” (1Timóteo 2:1-2). O texto de Paulo nos ensina que só a ação policial e a união do povo não bastam para mudar a realidade da violência no país; a intercessão é fundamental.

Para que tenhamos uma vida tranqüila e pacífica, só com muita oração. A Igreja foi chamada para pastorear a cidade, mas infelizmente temos terceirizado essa responsabilidade para o governo. Nosso papel, como Igreja, é abençoar os que estão à nossa volta. Precisamos focar mais em ser bênção do que em receber bênçãos.

O problema maior é que há muitos líderes cristãos que desconhecem o assunto, não podem ensinar e, por isso, as pessoas não participam efetivamente dos movimentos de intercessão pela cidade. Além disso, dentro do inconsciente coletivo das pessoas, fica difícil abraçar uma causa, cujo ministério não possui uma bandeira denominacional.

A igreja evangélica na atualidade precisa ter uma noção exata de quais são seu lugar e seu papel na sociedade. E um dos seus objetivos nada mais é do que apresentar para a sociedade os mandamentos de Deus, sua graça e seu amor, e desafiá-la à conversão, à novidade de vida, proclamando o Cristo encarnado, crucificado e ressurreto. E isso é feito através do que nós chamamos de “evangelização”.

A grande necessidade da igreja é ter um espírito de evangelização, não um esforço evangelístico temporário. E evangelização é a tarefa perpétua de toda a igreja, não o passatempo peculiar de alguns de seus membros. Além disso, a “evangelização” não deve ser confundida com “ação social”. Sobre isso o reverendo Sherwood E. Wirt escreveu: “*Quando ação social é confundida com evangelização, isto significa que a igreja parou de fabricar seus próprios glóbulos vermelhos e está morrendo de leucemia.*”.

Em suma, a melhor forma de as igrejas participarem no combate à violência é ser, autenticamente, o que elas são: comunidades de fé, das Boas Novas, da re-ligação.

Nele, que confiou à Igreja, o papel de testemunhar Sua mensagem de paz e salvação (cf. Atos 1:8),